

ENSAIO FOTOGRÁFICO
**Representação do mundo masculino na
sociedade Xavante**

*Domingos Sávio de Almeida Cordeiro*¹
Universidade Regional do Cariri



FOTO 1 – *Danhono*: Dança dos padrinhos de jovens em iniciação que enfrentam situações árduas

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Representação do mundo masculino na sociedade Xavante. (Ensaio Fotográfico).** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 6 (11): 147-156, janeiro a julho de 2019. ISSN: 2358-5587

ACENO

¹ Sociólogo, doutor em sociologia, Professor Associado da Universidade Regional do Cariri.



FOTO 2 – Preparando a esposa madrinha de ritual *Pahöri'wa* - adoradores do sol

Em julho de 2018, ingressei em uma expedição nos moldes do turismo ecológico e de base local, composta por 15 pessoas, sete mulheres e oito homens, para fazer uma visita ao povo *Auê*, na aldeia Etenhiritipá, Canarana (MT). Durante seis dias e cinco noites tivemos a oportunidade de acompanhar rituais de passagem de garotos para a vida adulta masculina. Isto foi uma sorte, de uma vez que os Xavante da aldeia Etenhiritipá não realizam rituais como espetáculo para turistas assistirem.



FOTO 3 – Noni - a corrida que desfaz desavenças pessoais e onde todos vencem

Durante a jornada, nomeada “Vivência Xavante”, fomos acompanhados pelo cacique Jurandir Siridwe, pelo ex-cacique Paulo Supretapã, pelo diretor da Escola da aldeia, Cayme Waiasse, que todos os dias nos apresentavam em reuniões características da sua cultura e modo de vida na aldeia. Além dessas lideranças, vários rapazes indígenas nos acompanhavam como guias a qualquer hora do dia ou da noite nos falando da vida na aldeia, narrando histórias, explicando características ambientais nos percursos em direção à mata e a Serra do Roncador. Assentado o impacto das primeiras horas iniciais da visita àquela cultura distinta da que pertencíamos, os participantes da expedição sentiam-se atraídos por um ou outro aspecto da vida dos nativos. A mim, além de um interesse especial para entender a “estratégia Xavante” – movimento contínuo de resistência étnica iniciado pelo grande líder Apowe (Apoena), em que eles se põem o objetivo de pacificar o “branco” (não indígena, *warazu*) –, a companhia masculina sempre presente me instigou.

Todo o grupo de visitantes foi quase exclusivamente acompanhado por homens, embora, eventualmente, tivéssemos contatos com alguma mulher indígena. Estive em contato uma única vez com uma nativa, quando minha filha, Bela, a única adolescente do grupo visitante, havia se preparado para participar da corrida ritual Noni, naquele dia exclusivamente destinada às mulheres, mas não conseguiu devido a cólicas menstruais. A anciã que foi chamada para ajudar preparou um chá e orientou que deveria ser tomado sempre morno quando as cólicas se apresentassem. Em seguida, fez uma massagem abdominal e pouco tempo depois ela estava caminhando pela aldeia sem nada sentir. Horas depois me sentei à porta da casa, ao lado daquela senhora, mas não conseguimos conversar mais devido ao fato de eu não falar o Xavante, nem ela ser fluente em português. Ficamos um bom tempo em silêncio assistindo a vida. Observei crianças brincando, homens sozinhos ou com outros, grupos reunidos às portas das casas, cães, araras, tudo sob o mormaço da tarde no cerrado.



FOTO 4 – Casa dos *wapte* - adolescentes em iniciação

Ao contrário das mulheres, todos os líderes e muitos rapazes Xavante são fluentes em português. Indaguei o Cacique Siridwe a esse respeito, ao que me respondeu “para o Xavante, a representação do mundo é masculina”. Entendi que aos homens cabe a atribuição de porta-vozes da cultura, de suas tradições e dos contatos interculturais.

Durante aqueles dias as mulheres do grupo visitante tiveram uma reunião com as mulheres da aldeia e conversas isoladas, mas nas conversas gerais a apresentação do mundo Xavante era feita pelos homens. O mundo dos homens era público e no momento público, a fala restrita a eles. O mundo como compreensão objetiva do cosmo era representado pela mediação masculina. As mulheres quase não falavam na nossa presença, nem se aproximavam, embora participassem em alguns rituais que assistimos e dos quais as mulheres visitantes foram convidadas a participar.

Quer sejam homens, quer sejam mulheres, os Xavante são um povo sonhador. Isso significa que consideram o estado de sonho tão importante quanto o estado de vigília. A vida transcorre em rituais de preparação para a etapa seguinte, tendo como pano de fundo, a abertura para o plano do sonho, no qual eles fundamentam o cosmos e sua estrutura social. Sonhando recebem orientações espirituais e indicações para o cotidiano, onde o mundo masculino tem atributos definidos, assim como o das mulheres. “As mulheres chamam se a gente faz um serviço delas” (Waiasse). Boa parte da manutenção da aldeia é uma atribuição das mulheres.



FOTO 5 – Pais e filhos no cotidiano

Supretapã me disse que, nas decisões grupais, as mulheres Xavante participam indiretamente, aconselhando seus maridos. A exemplo, me contou a respeito de um incidente quando alguns rapazes Xavante foram detidos pela polícia de Canaranã. Supretapã queria partir para o confronto com a polícia, mas conteve-se a partir de conversas com sua esposa. Os rapazes foram liberados da cadeia após dois dias presos, por meio de uma mobilização e negociação organizadas pelo Cacique Siridwe.

Ficou evidente, que o mundo das mulheres, seus rituais e suas narrativas, pertencem à esfera íntima das famílias e entre elas, as mulheres.

Soube da complexidade nos casamentos Xavante, que constituem às vezes em poligamia ou poliandria, com finalidades diversas, sobretudo: de equilibrar a gestão de membros masculinos e femininos na aldeia; para promover amizades entre clãs e aldeias, e como moeda de trocas econômicas. Sobre afetos entre casais, para os Xavante, gostar de alguém não é prerrogativa para casamento. Gostar do outro como cônjuge é consequência do casamento.

Perguntei a Siridwe se, em suas intimidades como casais, acontecem situações de ciúme. Ao que ele me respondeu: “Nós temos ciúmes sim, assim como vocês, mas o que fazer se a mulher quer mudar o cardápio?”, referindo-se a quando a mulher deseja outro companheiro sexual. E sobre o amor disse com ironia um dos homens Xavante ao nosso guia Tadeu: “o amor de vocês é tão bom, tão bom, que vocês abandonam suas mulheres, vocês espancam suas mulheres, vocês matam suas mulheres”.



FOTO 6 – Paternidade presente



FOTO 7 – reparando o amigo - padrinho no ritual *Pahöri'wa* - adoradores do sol



FOTO 8 – Cacique Siridwe em seção do *Noni*

Nas conversas que tínhamos e até onde pude observar, não faz parte daquele mundo a prática de espancamentos ou violências psicológicas relacionadas ao ciúme de homens com suas mulheres. E na educação de crianças também não percebi existir alguma forma de violência com fins educativos ou disciplinador. Pelo contrário, eram muitas as cenas de zelo e demonstração de carinho dos homens para com as crianças.

“A educação, na organização social do Xavante começa dentro de casa, onde as crianças são orientadas a respeitar o próximo e, sobretudo, membros da comunidade que pertencem ao outro clã que faz parte da mesma aldeia” (Waiasse). A primeira aprendizagem acontece no âmbito das famílias que são bastante extensas. Ali convivem meninos e meninas juntamente com o pai, a mãe, tios e avós. No início da puberdade os meninos vão morar com os padrinhos na casa dos solteiros. Os padrinhos são especializados em habilidades específicas que os garotos deverão aprender para entrarem na vida de adulto, entre as quais, construir casas, caçar, pescar, plantar, relacionar-se, descobrir seus dons individuais, fortalecer o corpo e a vontade e compreender o mundo invisível. Tal qual os meninos, as meninas são ensinadas pelas madrinhas, mas continuam morando com suas famílias.



FOTO 9 – Os *wapte* formam duplas que se apoiam nos longos anos de iniciação

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida.
Representação do mundo masculino na sociedade Xavante



FOTO 10 – A primeira infância lugar de partilhar brincadeiras interclãs

Deduzi que aquele modo de vida desenhava os principais fatores da formação de homens fortes, emocionalmente equilibrados e gentis; bravos guerreiros e humildes, cujos corpos são treinados em inúmeros rituais para suportar frio, calor, dores físicas, privações e a superar o medo, ao mesmo tempo em que são amigos empáticos e solidários com suas mulheres. Naquele contato breve com o povo *A'uwe*, me detive conversando e dirigindo minha câmera para cenas que me indicavam momentos genuínos do cotidiano dos homens Xavantes. Sempre por perto, o fotógrafo Jorge Tsuiwe, me advertia: “não faça contra a luz, warazu”.

Essa coleção de fotos é o recorte de uma visão figurada de um *warazu* (não-indígena) sobre expressões de gentileza e sensibilidade masculina no mundo *A'uwe uptabi* - Xavante. As dez imagens apresentam instantes específicos do cotidiano masculino Xavante onde se destaca: a paternidade presente na vida das crianças; a presença dos pais no cotidiano de seus filhos; a primeira infância onde partilham brincadeiras; *Ho*, a casa dos homens adolescentes (*wapte*) em iniciação; a formação de duplas de parceiros que se apoiam durante os longos anos de iniciação; *Noni*, a corrida cerimonial que desfaz desavenças pessoais e onde todos que participam vencem; o Cacique Siridwe em seção do *Noni*; a preparação por um homem da indumentária da esposa madrinha no ritual Pahöri'wa – adoradores do sol; um homem preparando o amigo – padrinho no ritual Pahöri'wa – adoradores do sol e a dança dos padrinhos nos seis meses de Danhono – iniciação masculina na vida adulta.

Recebido em 30 de agosto de 2018.
Aprovado em 17 de maio de 2019.